

Parte I

Jaime Betts

É com imenso prazer que chegamos nesse encontro de hoje com a presença de vocês. Queremos agradecer em especial ao apoio cultural da Celulose Rio-Grandense que tornou possível esse projeto da parceria entre o Instituto APPOA e o Departamento de Difusão Cultural da UFRGS. Antes de chamar nossos palestrantes, gostaria de ressaltar algo que vocês viram no vídeo: a nossa proposta é a discussão das identidades gaúchas, porque somos mais de uma identidade. E uma coisa que vai surgir em nossos debates é a referência de que o gaúcho é isso ou o gaúcho é aquilo e o que queremos ressaltar aqui nessa expressão, o que está no pano de fundo, é que nós temos traços culturais que são mais evidentes em algum momento e menos evidentes em outro, mas são traços que permitem novas leituras. E buscamos, nesse sentido, abrir possibilidades para que possamos sempre nos reinventar. Essa é a nossa perspectiva. E também que temos alguns princípios norteadores dos nossos debates. A primeira é de que nenhuma disciplina dá conta do todo, não tem hierarquia entre as disciplinas e ninguém é dono da verdade. Portanto o pano de fundo disso é que o real é impossível de simbolizar e por isso podemos fazer diferentes leituras desses traços.

Convidamos para estarem presentes conosco o professor Luís Augusto Fischer, a psicanalista Caterina Koltai e o escritor José Miguel Wisnik. Vamos trabalhar em dois tempos. Até às 11 horas ficaremos aqui e então subiremos para a apresentação do Borghettinho com a Fábrica de Gaiteiros e retomamos às 14h nesse ambiente. Agora o professor Fischer fala, os nossos integrantes vão poder debater e abriremos ao debate entre todos.

Luís Augusto Fischer

Eu vou tentar fazer uma exposição mais ou menos organizada sobre o tema do Seminário. Pensei em fazer duas ou três preliminares. Primeiro, porque sou professor de literatura, o que torna meu ângulo muito ligado a isso. Segundo, porque tenho muito apreço pela história. Estudo-a bastante, apesar de não saber se entendi alguma coisa. Mas enfim, esse é meu viés. Pensei, em vários momentos, como poderia entrar nesse assunto, pois ao mesmo tempo em que a conjuntura é nova, acho que o RS nunca viveu uma crise como a que está vivendo agora, por exemplo, no que diz respeito ao financiamento do Estado. Ora, chegou a atrasar salários e isso é gravíssimo. Colegas nossos já recebem um salário miserável e agora receberam um pedaço apenas dessa miséria.

Se, por um lado, há um novo interesse em debater esse assunto, por outro esse assunto é velho, pois falar sobre quem nós somos é um assunto que nos anima há muito tempo. Pelo menos a cada geração esse assunto retorna, com estudos, com livros e outras coisas. Então é estranho, é um assunto que tem o seu lado novo e tem a sua antiguidade. Então eu pensei em começar contando duas pequenas histórias pessoais. E já peço desculpas por me trazer como exemplo de qualquer coisa aqui, mas são meramente pequenas narrativas que podem nos ajudar a pensar.



A primeira é uma história que aconteceu privadamente. É a seguinte: não faz muito tempo um jornalista muito inteligente que agora dirige a revista Piauí, chamado Fernando Barros, isso há uns seis ou sete meses, escreveu um texto que fazia um diagnóstico da crise do governo da Dilma. Lá pelas tantas no seu texto ele dizia: “Dilma acuada chamou a sua *patota* gaúcha e ...”. Eu parei e pensei: “Poxa... *patota* gaúcha?”. Sim, a presidente tinha chamado o Rosseto e o Pepe Vargas. Mas isso constituiria uma “*patota* gaúcha”? E dizer “*patota* gaúcha” ajudaria a entender o que estava acontecendo? Barros escreveria, por exemplo, que Lula chamou a sua “*patota* paulista”? Ele usaria esse gentílico para identificar um caso desses?

Como eu tinha certa relação com o Barros, mandei um e-mail dizendo que achava aquilo tudo uma bobagem. Pensando agora eu acho que eu fui meio agressivo. Eu poderia até dizer que fui um pouco gaúcho. Obviamente, ele ficou muito bravo, sobretudo porque eu disse que a análise que ele fazia menos iluminava a cena e mais ajudava a criar confusão e caminhos ruins. Ele aproveitou pra me espinafrear dizendo que eu só ficava pensando nessa história de paulista, pois é um assunto ao qual eu me dedico bastante no sentido de tentar estudar por que existe a hegemonia paulistana especificamente sobre a visão que a gente tem do Brasil hoje em dia.

Enfim, batemos boca por e-mail e ele ainda disse: “Tu, um sujeito cosmopolita, bem preparado, ficar com essa *pinimba* com os paulistas”. Daí, respondi que não me achava nem cosmopolita e nem tão preparado, mas que a análise dele não era tão isenta quanto ele pretendia que fosse. Essa história possui um lado que interessa para a nossa conversa. Um pouco é a minha reação, que acho que poderia ser compartilhada por outros se estivessem na mesma posição que eu. Além disso, ela revela um travo que temos com a nossa relação com o centro do Brasil. Num tempo foi o Rio de Janeiro e hoje em dia é São Paulo. Por outro lado, o modo como eu recebi a resposta dele foi como se ele tivesse me chamado de caipira. Acho até que sou mesmo meio caipira, mas ficou uma conversa torta onde parecia que os dois tinham um pouco de razão, mas a gente não chegou a resolver ou a iluminar nada, nem eu nem ele.

A segunda história pessoal é a seguinte: em 1999, eu publiquei um livro que se chamava *Para Fazer Diferença*. Nele, reuni artigos em

que se escrevia coisas sobre literatura, algumas sobre cultura em geral, e esse livro recebeu algumas resenhas. Uma resenha muito interessante foi publicado em São Paulo, na Folha, pelo Marcelo Coelho. E na resenha, o Marcelo elogiou o texto e concluiu dizendo que era interessante o fato de que aquele livro constituía uma prova de que era possível “ser inteligente a partir de um ponto de vista fraco – a Província Rio-grandense”. Eu lembro de que assim que saiu o jornal alguns amigos me ligaram e perguntaram se ele estava falando bem do meu livro ou se estava me sacaneando. Ele disse que era um ponto de vista fraco e, sim, é fraco no sentido de que não é o centro. Mas será que toda província tem um ponto de vista fraco? Seria mesmo fatal que toda província seja igual ou que não estar no mando significa que se tem um ponto de vista fraco? O que é fraco neste contexto? E como assim, fraco? Era um outro problema.

Uma terceira história, eu disse que eram duas, mas vou contar mais uma, aconteceu de eu viver muito de perto e de modo bem intenso o período de sucessivos governos do PT no município de Porto Alegre. Eu cheguei a trabalhar no governo municipal na Secretaria de Cultura na gestão do Tarso Genro, que foi o segundo governo numa sequência de quatro. Naquele momento, a gente estava muito envolvido em promover a cultura e eu participei muito modestamente no campo da literatura, mas havia gente de todas as áreas, como artes plásticas, cinema e teatro. E uma das coisas que desejávamos era mostrar a arte de Porto Alegre fora daqui, fazê-la circular mais.

O Tarso Genro, como prefeito, incentivou muito e nos cobrava que fizéssemos coisas assim. O que nós fizemos? Fomos mostrar a arte que acontecia em Porto Alegre fora daqui. Onde nós fomos mostrar? Em Montevideu e Buenos Aires. A gente fez um enorme esforço para produzir eventos que se prolongaram por quase uma década e que se chamavam “Porto Alegre em Buenos Aires” e “Porto Alegre em Montevideu”. E isso foi realmente muito importante pra muita gente das artes de palco, pra dança, teatro e música. Na fotografia também teve uma ação bem produtiva. Enfim, muitas coisas brotaram a partir desses eventos. Na minha área não tanto, pois tinha o problema da língua e eu lembro que alguns editores perguntavam por que queríamos levar esses setores pra Buenos Aires ou Montevideu, pois eles não liam português. E nos disseram que tínhamos que fazer



isso em São Paulo. Mas daí me perguntei: É em São Paulo que temos que divulgar? Era uma pergunta meio torta, mas por outro lado não nos ocorreu que essa devesse ser a prioridade.

Eu estou contando isso para falar desses impasses internos nosso, desses *grenalismos*, dessa relativa incapacidade de chegar a consensos e de ficarmos paralisados com dissensões dramáticas. Para pensar sobre isso acho interessante também pensar que também temos, nós aqui do RS, ou pelo menos tivemos, nesses exemplos que contei, uma relação complicada com o que é de fora. A gente sabe que está isolado, busca uma conversa, mas quando busca talvez busque por um caminho estranho. Naquele contexto, só para justificar um pouco, era o momento que o MERCOSUL estava se definindo, o que resultava obrigatoriamente num conteúdo político forte.

Contei essas historinhas para começar a pensar de fora para dentro sobre esses nossos dilemas internos. Poderia dizer de maneira um pouco pomposa que assim como nós temos esses impasses internos, nós temos relações muito complicadas com o que é de fora. Quer dizer, temos impasses externos também ou dramas externos com o que é de fora do RS. Bom, passo agora à segunda parte, de três, dessa exposição. Para isso, vou alinhar alguns fatos, alguns episódios e algumas estruturas que existem e que estão aí na história, e que eu acho que também ajudam a entender um pouco esses elementos que estão presentes nas historinhas que eu contei.

Faço enumeração de alguns fatos:

1. Num sentido histórico mais geral, todo mundo sabe que o RS foi uma fronteira viva durante mais ou menos dois séculos. Durante a maior parte desse tempo, foi a única fronteira viva que o império português tinha e que depois o próprio estado brasileiro teve. Isso é muito significativa em vários sentidos. Por exemplo, o RS até o final do século XIX, era o lugar em que mais se encontravam tropas irregulares do exército. Em 1889, por exemplo, houve

um senso importante do exército, logo na virada para a República, segundo o qual o RS tinha mais tropas e armas do que em qualquer outra província brasileira e mais até que a província do Rio de Janeiro, que era a sede do poder federal naquele tempo. Tu ter tanto exército assim significa uma presença militar e uma lógica militar. Todo mundo que tem acima de 40 anos aqui deve lembrar que no RS, durante a ditadura, não era apenas o governador e o prefeito da capital que a gente não escolhia. As cidades todas da fronteira não escolhiam porque eram da fronteira. Um subproduto disso é que de 1750 em diante não existe uma geração que não tenha tido uma guerra para lutar. Não tem. Aliás, saiu há uns anos atrás um livro muito bom organizado pelo Gunter Axt que se chamou *As Guerras dos Gaúchos*. Ele faz uma descrição de todas as guerras, de 1750, de 1775, de 1810, da Revolução Farroupilha, das Guerras contra Juan Manuel de Rosas, da Revolução Federalista. Até a II Guerra Mundial todas as gerações tiveram uma guerra na qual lutaram. Por menos que a guerra envolva uma massa de pessoas, a não ser a Guerra dos Farrapos, nenhuma foi no palco exatamente do RS. Elas inflamam ânimos, pois estamos falando de um Estado mobilizado para a guerra e não mobilizado apenas uma vez, mas mobilizado ao longo de 10 gerações. É muito tempo. Esse passado belicista nosso evidentemente pode ser uma das matrizes que um colega meu, Homero Araújo, disse que era a marca principal da literatura do RS: a ética do duelo. Entre nós sempre tem um negócio de duelo. Eu, por exemplo, fui duelar com Fernando Barros. Senti-me desafiado quando ele escreveu “a patota gaúcha” da Dilma. Isso é como se alguém me pisa no pala! Quer dizer, claro que eu estou dizendo a minha história de um modo um pouco paródica, mas é isso, temos esse ânimo um pouco belicista. Fantasiando um pouco poderíamos dizer que se pisaram na fronteira já teria gente para defender do lado de cá. E vou deixar para falar da Guerra dos Farrapos no final, pois é o nosso *O trauma*, *El trauma*, *The trauma*.

Bom, segundo alguns aspectos da geografia, o RS é uma província relativamente distante. Claro que tem outras províncias mais distantes como, por exemplo, o Pará, mas o RS era relativamente distante, não era acessível tão facilmente. Mais do que isso, o RS não tem acesso fácil ao mar. Vocês conhecem a piada aquela que Deus estava desenhando o Brasil com todos os detalhes, a costa brasileira



cheia de baías, cabos, enseadas e quando chegou em Torres ele cansou e desenhou uma linha reta e não sobrou nada. Isso é importante, pois os viajantes quando passavam pela costa do RS diziam que não tinham como entrar. Há dois riozinhos que saem no mar, um em Torres e outro em Tramandaí, que permitem a entrada de barquinhos pequenos e depois tem a entrada do canal da Barra em Rio Grande que foi um problema até 100 anos atrás. Foi só com a construção dos moles em 1910 que a coisa se aprimorou e finalmente navios grandes puderam entrar sem muito risco. Eu não me lembro mais, eu estudei um pouco de sedimentologia no meu passado geológico, mas eu sei que as correntes marítimas do sul trazem a areia do fundo quando sobem, o que fazia o canal da entrada da Barra do Rio Grande ficar muito raso e só navios pequenos podiam entrar ou então afundavam. Isso não é pouca coisa, quer dizer, a única comunicação antes de existir estrada de ferro, rodovia e avião, era o navio. E o navio não conseguia sair.

Então tu tens todo o século XVIII e XIX em que só se sai do RS em lombo de mula ou de cavalo e quando se sai por mar, se sai com um pouco de dificuldade ou em navio pequeno. Agora me lembrei que este parece um pouco o nosso drama com o aeroporto Salgado Filho, que não dá pra *comprar* a pista ou sair com carga total. Então os exportadores ficam loucos, pois tem que sair com 70% da carga, pois faltaram 100 metros de pista. Estou insistindo um pouco na questão geográfica, mas é que isso também marca a questão do temperamento. Uma coisa é aqui em Garopaba que tem as baías e é uma coisa amena, agradável e acolhedora. Agora, vai passar uma hora na beira da praia aqui no RS com o vento nordeste batendo pra ver o que acontece. Então tem uma coisa de rispidez e aridez que é geográfica mesmo. E depois tem, embora existam diferenças, a afirmação de que o pampa é essa região geográfica e fisiográfica que a gente compartilha com o Uruguai e com uma parte importante da Argentina. Eu sei que existem diferenças, mas existem semelhanças também. É, como se diz hoje em dia quando se refere a

um bioma particular no mundo todo. Há pouco tempo saiu uma linda publicação do pessoal do departamento de ecologia aqui da UFRGS mostrando que quando se pensa no pampa como savana, se perde muito da especificidade dele. Tem gente que usa a mesma categoria savana. Quem entende diz que não é pampa, é outra coisa. Inclusive isso tem repercussões no sentido do aproveitamento comercial do que se pode fazer, do que cabe fazer.

Do ponto de vista econômico o RS tem uma marca interessante, apesar de eu não saber se esse debate é consensual. Eu ouvi essa observação uma vez do Luiz Roberto Pecoits Targa, um historiador que trabalhava na Fundação de Economia e Estatística (FEE), que disse que o RS tem muitas semelhanças econômicas com o Brasil, por exemplo, se pensarmos no Brasil litorâneo. A grande formação econômica do litoral do Brasil é a *plantation*, propriedade, latifúndio, monocultura, mão de obra escrava. Isso aconteceu com o açúcar e com o café. O RS também tem esses elementos aqui dentro, mas com duas diferenças essenciais:

- 1) A principal produção do RS tradicional, isto é, sem o minifúndio da imigração italiana, germânica e polaca, era para ser vendida dentro do Brasil. Não se produzia para exportar para outro país. Isso muda tudo. Um empresário ou um agente econômico que pense em exportar para outro país que precisa, por exemplo, atravessar o oceano tem um tipo de perspectiva. Quem produzia gado ou charque aqui queria vender no Rio de Janeiro ou em São Paulo, na feira de Sorocaba. Essa é uma diferença importantíssima, o horizonte estrutural econômico do RS por muito tempo foi estritamente interno.
- 2) A outra diferença mais interessante ainda, uma síntese que o Luiz Roberto Pecoits Targa também fez, é a seguinte: aqui no RS também tinha latifúndio e também tinha escravidão, mas não no mesmo lugar econômico. Existia latifúndio na estância e existia escravidão massiva na charqueada e as duas coisas tem muito a ver uma com a outra, evidentemente, mas são duas produções diferentes. Alguém poderá dizer que também tinha escravo na estância. Tinha, mas não era dominante por motivos óbvios. Imagina um peão de estância escravo. Você vai dar um cavalo pra ele, uma arma e uma faca? Não, né? Mais provável que ele deixe de ser escravo na mesma hora. Ouvi dizer que tem uma pesquisa bem interessante feita hoje em dia sobre esse

tema: os peões escravos. Na charqueada era mais cidade, era quase industrial, uma produção artesanal quase industrial, aí então se tinha sim uma escravidão massiva. Usando um jargão um pouco marxista, mas acho que perfeitamente válido para esse caso, “dentro da classe dominante no RS não havia total coincidência de interesses” ou, então dizendo por outro lado, havia muitas fissuras dentro da classe dominante do RS. Quer dizer, às vezes os interesses do latifúndio não eram os mesmos da escravidão. E isso, por exemplo, explica algumas das dissensões mais fortes que ocorreram ao longo da história do RS. Charqueadas começou no RS em 1780 e não estamos falando da Pelotas brilhante de 1850.

Na política, indo para o último item dessa segunda e penúltima parte, tem muitas coisas peculiares aqui do RS, mas eu vou me ater especialmente a uma que é a seguinte: o Brasil teve ao longo da história três capitais. Salvador na Bahia, depois Rio de Janeiro e depois Brasília. Na verdade teve duas outras cidades capitais no sentido forte e econômico que foram Ouro Preto em Minas Gerais, que não era sede administrativa, mas era a cidade mais importante. E São Paulo a partir da última parte do século XIX. Então o Brasil teve cinco capitais: Salvador, Ouro Preto, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. O que me ocorreu uma vez foi que o RS, que tem uma produção importante, um PIB importante, um papel importante na economia, nunca foi hegemônico politicamente. Nunca foi sede de poder central e pelo contrário, quase sempre reclamou por não receber do poder central a atenção que achava que merecia. Até hoje é assim. Com razão e sem razão. Isso não é apenas um fantasma, isso também é verdade. E como dizia aquele personagem, “cuidado, meu filho, também os paranoicos tem inimigos”. Não é esse nosso caso? Somos paranoicos e temos inimigos.

Se por um lado o RS nunca esteve no âmbito central, por outro o RS é o berço elementar, no sentido político, do Getúlio. E também, não por acaso, é o berço de três dos cinco ditadores militares. Então reduzindo grosseiramente, o Getúlio ficou 25 anos no poder. Esteve no poder por uma geração. E os militares estiveram no poder por uma geração. Então, de alguma maneira, o RS nunca foi o centro do Brasil, mas ao mesmo tempo acalentou um desejo de ser o centro, de ser visto como o centro. Essa é a relação ambígua que a

gente tem. O RS forneceu régua e compasso para duas gerações de mando no Brasil. Principalmente o Getúlio que levou para o Brasil a lógica do estado republicano positivista na qual ele se desmamou aqui. Getúlio era a jovem guarda de 1920 do PRR. Ele é o cara que fez o discurso na beira da cova do Júlio de Castilhos, que sucedeu Borges de Medeiros, que foi presidente da província e que, de 30 em diante, foi pro RJ e governou o Brasil fazendo um governo que teve horrores e maravilhas. Por exemplo, era um cara que tinha uma visão estratégica internacional notável. Vendo, por exemplo, o que Getúlio fez ou o que foi feito no governo dele com outros governos na mesma época, os Argentinos dizem que gostariam de ter tido um Getúlio. Foi ele que inventou a Petrobrás e que trouxe a siderurgia. Então o RS não esteve no mando e ao mesmo tempo esteve no mando.

Saiu agora um livro muito interessante do Jorge Caldera, que é um historiador, uma biografia que chama *Júlio Mesquita e seu tempo*. Mesquita foi o cara que fez o *Estado de São Paulo*, o jornal de São Paulo, ser o que é. E ele tem um comentário muito interessante sobre o RS vendo as coisas pelo ângulo da São Paulo empreendedora e capitalista da primeira República. Eu vou resumir muito grosseiramente o argumento dele, mas é o seguinte: o que aconteceu com o RS é um fenômeno interessante em comparação ao que aconteceu com a Província de São Paulo.

A cidade de São Paulo e a cidade de Porto Alegre, até a década de 1870, tem uma população muito parecida. Então, São Paulo arranca e vira a megalópole que é. Mas uma das coisas que aconteceu com São Paulo foi a capacidade e a percepção de que era preciso transformar a riqueza em capital. Era preciso fazer os bancos circularem dinheiro, emprestarem, financiarem e tal. E foi preciso fazer, o que aconteceu muito com as estradas de ferro, uma capitalização aberta. Quem queria fazer uma estrada de ferro ia para o salão paroquial em uma cidade do interior e vendia ações da estrada para quem queria vender o seu café por ali. O autor mostra como o endividamento do Estado do São Paulo foi o motor para a Província se desenvolver, sobretudo em comparação com o que aconteceu no RS no mesmo período. Os que gostam do Borges dizem que ele saiu do poder mais pobre do que quando entrou, mas que se recusou várias vezes a endividar o Estado. Por exemplo, sobre a história da Barra de Rio Grande, ele poderia ter

contraído um empréstimo para fazer a Barra, mas Borges não quis para não deixar uma dívida. É um exemplo de como isso funcionou entre nós.

Eu me esqueci de contar que quando eu trabalhei na Prefeitura de Porto Alegre, um texto que eu escrevi e que, aliás, foi o começo da história do livro *Nós os gaúchos*, livro que durante um tempo teve boa leitura. É uma coletânea de artigos sobre o RS. E aquele texto nasceu da seguinte situação: um dia eu estava conversando com vários escritores e um deles me disse: “Escuta, tu que é jovem, por que tu não escreves sobre esse marasmo da cultura do RS?” Isso foi 1991 ou 1992. E em geral eu sou muito crédulo, mas fiquei pensando: “Como assim marasmo aonde?” Dizem que tem até uma expressão francesa que diz *l’esprit d’escalier*, literalmente espírito de escada, que a pessoa só se dá conta de que não era assim quando já está longe. Enfim, o escritor falou sobre o marasmo e eu nem me dei conta naquela noite que não tinha marasmo algum e pensei em escrever para dizer justamente isso. Mas ao mesmo tempo o fato de ele dizer “marasmo” é interessante. O que ele estava dizendo? Ele estava dizendo uma coisa que eu acho que nós compartilhamos muito aqui no RS e sobretudo em Porto Alegre, que é aquela sensação de domingo de tarde. O que é domingo de tarde? É aquele momento que a gente tem certeza que uma coisa muito boa está acontecendo e não é onde nós estamos. Uma sensação de que tu estás fora do lugar. Em algum lugar está muito legal, mas onde mesmo?

Então, finalmente, vou falar sobre a Guerra dos Farrapos. Não vou falar da Guerra, evidentemente em si, mas todo mundo sabe que esse foi um conflito que durou dez anos. No segundo ano foi proclamada uma República independente num contexto regional, geográfico e geopolítico num período em que a Argentina, por exemplo, não estava totalmente definida. Acho que o Rosas sobe ao poder por aí mesmo em 30 e ainda tinha um conflito muito grande em saber se a Argentina ia ser um país só ou uma

federação de estados à maneira norte-americana. O Estado uruguaio tinha ficado independente há pouco tempo também. Ou seja, a perspectiva é que realmente era muito verossímil o RS, esta província brasileira, se transferir para uma federação de estados aqui no Prata. Era verossímil por vários motivos, entre eles a base econômica ser a mesma. E de repente proclamam uma República no meio disso. República dentro da monarquia brasileira.

Agora vamos recuar dois passos e falar sobre a monarquia brasileira. O esquisito não é o RS e sim a monarquia brasileira. Faz uma independência e essa independência é monárquica? E não apenas isso, mas como esse novo imperador é o cara que assume uma dívida medonha que Portugal cobrou do Brasil, a dívida colonial. Sendo que esse cara que assina essa dívida renunciou o poder aqui para poder voltar ao poder em Portugal. Ou seja, o cara que contraiu a dívida para o Brasil foi beneficiário dessa dívida em Portugal. O mesmo Jorge Caldeira, que eu já citei, tem muitos estudos historiográficos que mostram que na véspera da independência, o Brasil estava pronto para dar um salto de organização muito parecido com o que tinha acontecido nos EUA uma geração antes. Quer dizer, a federação dos estados, a forma republicana. E quando menos esperávamos, Napoleão manda invadir a Península Ibérica e Dom João VI tem a grande ideia de vir pra cá. E o Brasil que estava encaminhando para um futuro moderno e capitalista recebe um governo não apenas monárquico como um monárquico *ancien régime*.

Bom, esse contexto monárquico eu gostaria de colocá-lo como o problema. O problema não é a República no RS e sim a forma monárquica. O que aconteceu com o desfecho da Guerra dos Farrapos, a síntese que eu tenho e não sei se confere pra todo mundo, mas é a de que o modelo, a concepção e a ação política que levaram à República do Piratini é um movimento de tipo platino. E eu poderia dizer de tipo americano também, porque a generalidade das independências na América aconteceu na forma republicana. Mas a solução do conflito foi brasileira. Qual foi a solução do conflito? Uma grande acomodação. Os imperiais ofereceram para o RS e para a elite que estava em luta, tudo. Quem era capitão do exército farrapo pode entrar como capitão do exército regular. Com isso, o governo federal assumiu as dívidas assumidas pelos farrapos ao longo da Guerra.

Ou seja, nós passamos a viver um dilema que não acabou e que chega até hoje, na minha avaliação. Ele pode até se expressar de variadas maneiras, mas ainda é o mesmo. Nós temos uma tendência de ver a história do RS como espaço geográfico, como estado organizado, como administração e também suas formas culturais, de uma perspectiva platina ou americana de viés republicano e autonomista. Mas na prática as soluções são encaminhadas na forma brasileira, isto é, com conciliação das elites. Conciliação das elites é a regra brasileira. Tem conflito? Como se faz? Chama o Sarney de volta. Esse dilema eu acho que atravessa a nossa história e eu gostaria de finalizar minha fala com a observação de que a literatura passou a expressar isso o tempo todo.

Se pegarmos todas as gerações ou cinco ou seis gerações de escritores, de lá pra cá, esse dilema vai aparecer ou reaparecer. Começa com o Parthenon literário falando de gaúcho, que foi uma academia de letras que desde o começo foi republicana e feminista, pois aceitavam mulheres. E isso não é pouca coisa se pensarmos na Academia Brasileira de Letras, que foi aceitar mulheres anteontem. O Parthenon começa a ser uma coisa do gaúcho, um pouco difusa, em parte conversando com a gauchesca platina. Depois tem a tradição do começo do século que vai falar do gaúcho, não do genérico, mas dos peões. Depois tem a geração do Érico Veríssimo, que é um fenômeno magnífico porque o Érico é um cara talentoso assim como vários escritores da geração dele, como Dyonélio Machado, Cyro Martins e Telmo Vergara. Esses caras fizeram a Globo. A Editora Globo é uma coisa notável, uma editora na ponta extrema do Brasil e que tinha o mercado nacional. Por que se viabilizou a Globo? Uma resposta que eu acho importante é porque o RS tinha uma classe média alfabetizada em uma grande proporção. Classe média essa que era luso-brasileira, teuto-brasileira, ítalo-brasileira, polaco-brasileira. Então se tem esse fenômeno impressionante.

Nessa geração aconteceu uma história que eu vou mencionar muito rapidamente. Em 1955, há muito pouco tempo atrás, um major propôs a criação de uma estátua para o Sepé Tiaraju. É inacreditável, mas essa polêmica durou dois anos. Os jornais, os principais jornais de Porto Alegre, tinham duas posições muito claras e antagônicas. Os intelectuais mais sofisticados e cosmopolitas como Augusto Meyer,

Moysés Vellinho e Carlos Reverbel eram contra a estátua do Sepé Tiaraju. E os intelectuais, digamos assim, de segunda linha ou não tão prestigiados, como Manoelito de Ornellas, Padre Jaeger e Walter Spalding estavam do lado da estátua do Sepé Tiaraju.

O que eu quero dizer é do que estamos tratando ao debater essa questão? Fazer uma estátua para Sepé quer dizer o quê? Bom, eu diria que talvez só a geração atual, pós-internet, pós-queda do muro, pós-fim da União Soviética, pós-ditadura no Brasil, talvez esteja mais livre nos circuitos cultos dessa vida dilemática de ser contra ou a favor. Contra o Sepé ou a favor do Sepé. Acho que as gerações anteriores estão todas marcadas por isso.

E finalmente, essa mesma perspectiva cosmopolita que as novas gerações têm, pensem nos escritores bons de agora, o Daniel Galera, o Paulo Scott, a Carol Bensimon, enfim, gente muito interessante. A esse cosmopolitismo corresponde o trunfo absoluto da visão tradicionalista gauchesca do RS. Isso simbolicamente corresponde a uma coisa que é inacreditável: o Acampamento Farroupilha. É uma coisa impressionante como fenômeno cultural. O Jorge Luis Borges dizia, em uma de suas piadas, que o gaúcho tinha medo da cidade e ele contava a história de um tio que, quando estavam em Montevidéu, ouviram falar que um piquete do Caudilho Fulano de Tal estava rodando a cidade. Aí esse tio disse para ele que não era para se preocupar, pois o gaúcho tem medo de cidade.

Pois aqui os gaúchos entraram na cidade e o Acampamento Farroupilha parece uma espécie de trunfo dessa divisão. Eu acho que os letrados e as pessoas com essa perspectiva cosmopolita, da internet e tudo mais, hoje não tem mais esse dilema de ser Sepé ou não ser Sepé. Mas a cultura de massa do RS ainda está absolutamente hegemônica por essa visão dilemática de ser gaúcho ou de não ser gaúcho. Quer dizer, não sei se é um corte de classe, mas aqui temos essa divisão, e a nossa convivência talvez seja um pouco estranha por causa disso. Ao mesmo tempo em que temos uma conversa e somos do mundo, a gente tem a massa das pessoas submetida a essa visão antiga, arraigada, regressiva, muitas vezes, e além de tudo, machista.